

Psicanálise, pesquisa e universidade: labor da especificidade e do rigor

Mônica Medeiros Kother Macedo*

Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn

Resumo

O artigo explora o cenário histórico e científico do surgimento da Psicanálise visando à compreensão de impasses cujas ressonâncias persistem até a contemporaneidade. Aborda-se o percorrido de Freud no universo científico da época e as tentativas iniciais de firmar a Psicanálise como um modelo de ciência. Explora-se a ruptura epistemológica provocada pela criação freudiana e sua inserção em espaços não clínicos. Assim, reflete-se sobre os desafios e as possibilidades presentes na relação entre Psicanálise e Pesquisa no âmbito da Universidade. Para tal, são abordadas as possibilidades efetivas da pesquisa psicanalítica, as diferentes formas nas quais ela pode ocorrer e o essencial cuidado que deve ser dedicado ao rigor e à especificidade que lhe são pertinentes. Considera-se ser a escolha por uma estratégia de investigação o que, ao alinhar-se à essência criativa da Psicanálise, permite a "des-coberta" e a articulação das evidências nesta modalidade singular de pesquisa.

Palavras-chave: Psicanálise- Pesquisa- Epistemologia- Universidade.

Psychoanalysis, research and university: a labor of specificity and rigor

Abstract

This article explores the historic and scientific backdrop in which Psychoanalysis emerged, in order to understand the impasses and their consequences, which have survived to this day. It addresses Freud's work in the scientific universe of the time and his initial attempts at firming Psychoanalysis as a model of science. We examine the epistemological rupture from Freud's creation and its insertion in non-clinical environments. Thus, we reflect upon the challenges and possibilities found in the relationship between Psychoanalysis and Research within the University. To that end, we address the effective possibilities of psychoanalytical research, the different ways in which it may occur, and the essential care that must be dedicated to the rigor and specificity that are inherent to it. We consider it as a choice of an investigation strategy that, by being in alignment to the creative essence of Psychoanalysis, allows us to "dis-cover" and coordinate the evidence in this unique type of research.

Keywords: Psychoanalysis - Research - Epistemology - University.

Introdução

A fecundidade do legado freudiano permite à Psicanálise operar em campos que não apenas aqueles que configuram o exercício clínico de escuta. Tomando-se como ponto de partida a identificação com a capacidade investigativa de Sigmund Freud, afirma-se ser a vigência e, também, a vitalidade de uma obra em aberto permanentes demandas de trabalho na ampliação de possibilidades à Psicanálise.

Uma ampliação importante refere-se às contribuições que advêm quando da inclusão da Psicanálise no cenário acadêmico. Além de uma já histórica presença nos currículos de cursos de Graduação, a perspectiva da prática de investigação em nível de pós-graduação tem se tornado fonte de reflexão a respeito dos desafios e das possibilidades presentes na relação entre a Psicanálise e a prática da pesquisa e a própria inserção da psicanálise na universidade (Figueiredo, 2001; Prudente & Ribeiro, 2005; Jardim & Hernández, 2010; Oliveira & Tafuri, 2012; Coutinho, Mattos, Monteiro, Virgens & Almeida Filho, 2013). Ao referir a necessidade de reconhecer que as

transformações culturais têm, indiscutivelmente, influência sobre a Psicanálise, uma vez que essa não é uma ilha e está inserida no cenário cultural, Hornstein (2013) afirma que "mais do que inserir a Psicanálise na cultura, trata-se de reconhecer o óbvio. Está inserida!" (p.15). Alinhando-se a essa assertiva sobre a inegável inserção psicanalítica no espaço além da clínica, este artigo se propõe, ao reconhecer a relevância da inclusão já existente da Psicanálise na Universidade, explorar problemáticas que se apresentam quando se trata de tê-la como recurso e ferramenta principal no âmbito da pesquisa. Aborda-se, principalmente, essa situação no que diz respeito à produção de conhecimento científico que ocorre em nível da pós-graduação brasileira.

Inicialmente, são abordadas problemáticas que desembocam na formulação de conceitos que servem como operadores para essa reflexão. É pertinente, por exemplo, refletir a respeito de como foi se construindo e tomando contornos próprios a capacidade investigativa na e para a Psicanálise. Da mesma forma, é relevante compreender motivações e desafios enfrentados inicialmente por Sigmund Freud no intuito de ver sua criação inscrita no universo científico. Acredita-se que

* Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Brasil. E-mail: monicakm@puers.br

essa retrospectiva histórica possa lançar luz na apresentação e no desenvolvimento das reflexões e interrogações propostas no artigo que tem, portanto, como foco principal explorar as potencialidades e as tensões nas relações entre a Psicanálise e a Pesquisa no âmbito da Universidade.

A Psicanálise, a Ciência e a História

As transformações ocorridas ao longo do tempo na aproximação entre a criação freudiana e o universo epistemológico vigente fornecem essenciais elementos para a compreensão da inegável ruptura epistemológica produzida com o advento da Psicanálise. Kupfer (2010) assinala o quanto Freud perturbou a concepção de homem e de subjetividade; afinal, até então, a noção de sujeito aparecia como sinônimo da noção de Eu: “em Freud não se confunde com aquele Eu moderno, que havia sido instalado como mestre em sua própria casa. O Eu de Freud é descentrado, do mesmo modo como a Terra de Galileu e o Homem de Darwin” (p.268). Logo, contextualizar o cenário histórico e científico na ocasião de seu surgimento permite a compreensão dos impasses que se apresentaram na época e cujas ressonâncias persistem até a contemporaneidade.

A Psicanálise surge no cenário científico de final do século XIX, no qual ocorria a ascensão triunfante da razão científica. Naquele momento da história das ciências, tinha-se uma nítida e radical distinção entre o discurso científico, com suas proposições baseadas na condição de verificação dos enunciados, e o discurso metafísico, marcado pela especulação (Birman, 1994). Na modalidade de discurso metafísico, a filosofia evidenciava sua desvinculação das exigências científicas de elaboração minuciosa dos dados vinculados à empiria. Para Birman (1994), a denominação de ciência se dava, portanto, no estreito vínculo mantido entre a empiria e a condição de verificação do conhecimento produzido.

A Física era, ao longo do século XIX, considerada o modelo ideal de cientificidade devido a seus procedimentos experimentais e sua linguagem matematizada, caracterizando o que deveria ser qualquer discurso pretensamente científico (Birman, 1994). Compreende-se, assim, a linguagem própria ao fisicalismo presente no texto freudiano Projeto para uma Psicologia Científica de 1895, dado testemunho sobre o ideal freudiano de estabelecer um “projeto científico” a fim de contemplar suas descobertas.

A partir da tentativa inicial do reconhecimento da Psicanálise como uma disciplina científica, ocorre progressivamente o distanciamento do pensamento freudiano em relação às concepções próprias à Filosofia, considerada como um modelo do discurso metafísico. Ao referir esse distanciamento, Birman (1994) resgata a comparação estabelecida por Freud entre a forma do discurso filosófico e as patologias da paranoia e da esquizofrenia. Ao criticar, em *Totem e Tabu*, o excesso de interpretação do real pela filosofia, aproxima-a do discurso paranoide e, ao referir o distanciamento desta

da realidade comum, o que leva à apresentação de uma outra ordem do real, Freud (1913/2006) assinala relações entre o discurso filosófico e a esquizofrenia. Assim, por meio dessa crítica, explicita-se com clareza não somente o que não é a Psicanálise, bem como os distanciamentos e as divergências entre ela e o saber filosófico vigente nessa época.

Como se desenvolvia nesse contexto o espírito investigativo de Freud? Foram as pesquisas a respeito das experiências ocorridas no cenário da clínica que lhe impuseram, por exemplo, o reconhecimento da diferença crucial entre a recordação de um fato real e os conteúdos originários das cenas fantasmáticas próprias ao desejo e à sexualidade infantil. Nesse sentido, é importante a referência feita por Lo Bianco (2003) de que “a educação formal de Freud se dá em estreito contato com as pesquisas acadêmico-científicas de fins do século XIX” (p.117). A autora enfatiza o fato de Freud ter todo o conhecimento e toda a experiência no campo das metodologias próprias à investigação experimental salientando, portanto, que sua opção por desenvolver novos meios de investigação não pode ser justificada no desconhecimento de instrumental científico, mas, sim, no fato de esses não lhe serem mais úteis frente às especificidades de seu objeto de investigação: o Inconsciente. Para Lo Bianco (2003), exatamente por ter tido essa formação na qual os procedimentos científicos eram valorizados, Freud pôde ir além da repetição das amarras metodológicas que o impediam de investigar seu objeto de estudo.

Quanto mais Freud se inquieta com os enigmas históricos que já desafiavam as concepções da anatomia e da fisiologia, mais ele constata a necessidade de repensar suas hipóteses teóricas iniciais a respeito da existência de um evento real traumático como etiologia dessa patologia. Dessa forma, movido pelos impasses oriundos da clínica, Freud (1897/2006) afirma a descrença em suas neuróticas e passa a buscar novas condições técnicas a fim de acessar os conteúdos psíquicos que sucumbiram ao que nomeia como uma “falha na tradução” do conteúdo psíquico, denominada de recalamento. No reconhecimento da complexidade própria aos padecimentos neuróticos que adentram a clínica e desafiam a escuta, Freud repensa a teoria e transforma a técnica. Na ruptura com a força da sugestão, ou seja, com a condição de poder atribuída ao médico na hipnose e ao não desmentir o incessante movimento de interrogação a respeito da complexidade dos fenômenos humanos, nascem a teoria e a técnica psicanalítica.

Conforme Barbelli (2008), Freud demonstrou ter compreendido de forma apurada a natureza dos processos psicológicos sobre os quais se debruçava, pois se viu impelido a não reduzi-los a processos neurofisiológicos. Diante disso, tornou-se imprescindível a construção de um arcabouço de hipóteses conceituais que permitissem a construção de conhecimento acerca dos processos psíquicos e das patologias neuróticas diante das quais Freud se encontrava em sua clínica.

Surgiu a Metapsicologia, cujo espectro colocou Freud e a Psicanálise em uma evidente oposição às compreensões eminentemente anatomofisiológicas da Psicologia vigente, bem como seu caráter de mensuração. No entanto, Barbelli (2008) aponta o fato de que, apesar de empreender uma ruptura epistemológica com o paradigma experimental, Freud não objetivava estruturar suas hipóteses como um conjunto conceitual metafísico. Dessa forma, evidencia-se a necessidade de uma transformação no paradigma epistemológico experimental, ou seja, a Psicanálise aponta a existência do Inconsciente e, com ele, a compreensão de o homem ser mais que consciência e funções cognitivas básicas.

O método psicanalítico da associação livre é o produto mais claro do exercício freudiano de trabalhar no âmbito do rigor e da coerência teórico-técnica. Ao perceber as limitações tanto técnicas da sugestão quanto teóricas de suas hipóteses iniciais sobre a histeria, Freud antecipa as condições de um pensamento complexo, aberto à problematização e à transformação. Afirma-se, assim, a mudança radical de investigação clínica em Psicanálise: trata-se de trabalhar com um sujeito acordado e ativo em seu processo de autoconhecimento e de transformação. O encontro analítico é o campo de investigação, e o método construído é aquele que coloca o sujeito psíquico como protagonista deste processo.

Nesse modelo singular de investigação são as falas, os sonhos, os atos falhos e os sintomas dos pacientes, por exemplo, que ensinam como a resistência à recordação encontra guarida na repetição. Ou seja, na investigação do sentido que afirma existir nos sintomas psíquicos, importante achado freudiano, o valor da repetição serve como guia para desvelar a complexidade própria a um sujeito de Inconsciente. Na medida em que as investigações freudianas vão encontrando cada vez mais sólidos subsídios de argumentação a respeito do sujeito de Inconsciente, o método se fortalece e a teoria se amplia, consolidando a especificidade do psíquico.

Dessa forma, o início do Século XX é marcado pela ampliação e transformação da noção de sujeito. A Psicanálise, ao propor novas bases de compreensão ao psiquismo, permite que se revolucione o olhar sobre o homem. Por isso, pode-se dizer que, sem dúvida, Freud foi um homem de seu tempo, ocupando-se a seu modo do projeto da Modernidade, pois compreendeu ser o homem capaz de transformar ele próprio e o mundo através do exercício de suas capacidades (Birman, 2012).

Por meio da expressão psicopatologia da vida cotidiana, Freud (1901/2006) desenvolve sua compreensão a respeito de elementos psíquicos que extrapolam as fronteiras da neurose, passando a indicar aspectos comuns a todos os mecanismos psíquicos, sejam esses operantes na “normalidade” ou no campo do padecimento, ou seja, nas diversas expressões da dor psíquica. O Inconsciente se faz presente na vida em geral, sua força e suas formas de expressão adentram todos os espaços e todas as expressões humanas. A dinamicidade dos conteúdos psíquicos denuncia que a conduta humana encontra forças de propulsão para

muito além do que julga conscientemente conhecer. Criam-se importantes impasses – cada vez mais intransponíveis – quanto aos ditames próprios à ciência cartesiana e consciencialista e ao movimento de expansão da Psicanálise.

Na sequência das investigações, amplia-se a visão freudiana a respeito do fenômeno transferencial. Esse fenômeno, em sua essência, não apenas afirma a singular sobreposição do tempo passado e do presente no psiquismo, bem como enfatiza o legado das relações primordiais na história atual do sujeito psíquico. Ao afirmá-la como fundamento da cena psicanalítica, Freud apresenta uma original forma de investigação sobre o sujeito e impõe o vital e irreversível distanciamento de uma cientificidade que apenas reconhecia e validava o que poderia ser verificado, mensurado e classificado. A transferência sustenta a atemporalidade dos fatos psíquicos e o lugar singular destinado ao analista no encontro analítico.

Pode-se dizer que essa é a grande inovação freudiana, não só em relação ao que descobre, mas também, fundamentalmente, na original forma de investigar que se faz presente como ferramenta de produção de conhecimento na Psicanálise. A afirmação da existência de um sujeito de Inconsciente e de Sexualidade, o qual não se adapta, na ética de sua existência, às determinações de pressupostos regidos pela verificação, pela objetividade ou pela replicabilidade de situações, impõe a Freud a necessidade de buscar um rumo próprio e original na complexidade inerente ao processo de investigação da Psicanálise.

Na consolidação da nova base epistemológica, Freud, também herdeiro do positivismo, afastou-se das proposições metafísicas de inconsciente para tratar de explicá-lo cientificamente, ou seja, objetivou estabelecer suas leis e mecanismos de funcionamento. A tradição Iluminista igualmente está presente na proposta freudiana de buscar, através da razão, compreender o mundo psíquico, explicando seus conteúdos, suas características e seus efeitos sem valorá-los positiva ou negativamente.

No processo de distanciamento da Psicanálise em relação ao discurso científico vigente, afirma Birman (1994) que “o saber psicanalítico, como um discurso com a pretensão intelectual de se inscrever no logos da ciência, se deslocou para outro lugar simbólico, onde pretendia ser reconhecido como uma ética” (p. 29). Trata-se, segundo o autor, não de uma ética como uma moral, mas, sim, de uma ética do desejo por ser o sujeito do inconsciente fundado no desejo. Nesse sentido, para a Psicanálise, “o sujeito é fundamentalmente desejanter” (p.29).

A transferência se estabelece, progressivamente como um essencial recurso do trabalho analítico que recorre à interpretação e à rememoração, ou seja, ao colocar no analista a possibilidade de investigação e interpretação do conteúdo psíquico repetido e atualizado na transferência pelo paciente, defende-se o valor de um saber que decorre da escuta clínica e da interpretação – e da construção – que trazem em seu

bojo as diferenças entre a verdade material (fatos) e a verdade histórico-vivencial (experiências), marcada pela singularidade dos destinos pulsionais. Como bem destaca Hornstein (2013), “a verdade histórico-vivencial é a apropriação da verdade material por esse sujeito e implica já a presença do fantasmático e do interpretativo” (p.247). Logo, a Psicanálise, como prática original e inovadora que explora o valor das palavras e do não dito, prioriza o recurso da interpretação dos produtos de um sujeito de Inconsciente cujas vicissitudes pulsionais estão sempre atravessadas pela singularidade, excluindo, definitivamente, o recurso às ferramentas da empiricidade próprias à verificação experimental. Amplia-se, como consequência, o pensamento psicanalítico, traduzindo-se nesse movimento de extensão, o espírito inquieto e investigativo de um criador que tinha com a abertura de sua obra um especial cuidado. Escreve Freud em *Pulsões e destinos das pulsões*, texto de 1915, que “o progresso do conhecimento não tolera qualquer rigidez, tampouco nas definições” (p.113).

Logo, no intuito de fomentar a recuperação da definição da Psicanálise que contemple três eixos fundamentais – teoria, método e técnica – encontra-se o valor da confrontação da teoria com as demandas da clínica a fim de que se aperfeiçoem o método e a técnica. Não se aplica o conhecimento da Psicanálise: ele é construído em seu principal campo de confrontação – a experiência clínica – e a partir de uma recusa a uma modalidade de saber prévio sobre o sujeito. É, sem dúvida, o incessante movimento de transformação, criação, ampliação e ressignificação do conhecimento obtido que permite à Psicanálise sua vigência.

O caráter da abertura: o rigor e a especificidade da psicanálise

A definição de Psicanálise apresentada por Freud (1926/2006), quando de sua inserção como verbete na Enciclopédia Britânica, contempla as condições atribuídas por ele à modalidade de produção do conhecimento psicanalítico. No texto, o autor afirma que a Psicanálise é um procedimento para a investigação de processos mentais inconscientes (inacessíveis a outras formas de pesquisa), um procedimento terapêutico e um conjunto de conhecimentos em contínua expansão e reformulação sobre seu objeto. Na referência explícita à dinâmica e à incompletude que definem o conhecimento psicanalítico, não há dúvidas quanto à concepção de uma Psicanálise aberta às transformações de seu entorno e incompleta em seu saber, excluindo-se, portanto, da letra freudiana qualquer pretensão dogmática. Na coerência que marca o desenvolvimento de sua obra e os fecundos produtos dos tensionamentos intrateóricos, em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud (1926/2006) escreve: “decidimos nada simplificar e nada ocultar. Se não conseguirmos ver as coisas claramente, pelo menos veremos claramente quais são as obscuridades” (p.147). Essa é a indicação clara de que, frente ao obscuro e ao desconhecido, a ferramenta a ser utilizada é a investigação, a curiosidade, e não o encerramento em

verdades dogmáticas.

A condição de pesquisar pressupõe a curiosidade, porém não pode prescindir da existência de um campo de confrontação. Daí a importante diferença entre a Psicanálise e outra forma de produção de saber que pretenda ser uma cosmovisão (*Weltanschauung*). Em 1933, Freud aponta, ainda com maior clareza, o que não deveria ser a Psicanálise:

Uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo que nos interessa encontra um lugar fixo (p.193).

Novamente, a letra freudiana dá guarida a uma Psicanálise interrogativa, investigativa, criativa por estar e ser continuamente aberta ao novo.

É inquestionável o fato de a investigação psicanalítica ter, por excelência, o campo da clínica como o locus privilegiado de seu fazer. Nele a investigação se desenvolve frente aos enigmas impostos pela força da sexualidade, repetida na transferência, na desmesura do ato, nos padecimentos do corpo, nas adições. É, enfim, por meio da escuta analítica de uma história singular que se apresentam os diversos enredos humanos que contam do aprisionamento do sujeito no circuito da dor psíquica. A solidez das ferramentas em operação nesse campo e o valor de seu método permitem adentrar territórios nos quais, a partir de outras configurações do exercício investigativo, também se alimenta e se qualifica a prática de um psicanalista.

O cenário da Universidade e a prática da pesquisa

Nestes tempos contemporâneos, nos quais qualquer produto a ser consumido é buscado incessantemente e a rapidez do descarte torna obsoleto hoje o lançamento de ontem, cabe o questionamento da vigência de um saber que teve, no apagar das luzes do século XIX, seu nascimento. Para tal, é preciso fomentar os pontos de abertura do legado freudiano. É, assim, exigido do psicanalista um importante trabalho a fim de manter o caráter inovador e criativo da invenção freudiana. Nessa linha de raciocínio, Hornstein (2008) afirma que “herdar teorias exige definir seus princípios, seus métodos, seus fundamentos e suas finalidades. Herdar é efetuar uma leitura problemática, histórica e crítica diferenciando entre a história caduca e o passado atual (os conceitos que ainda são valiosos)” (p.138). Não se trata de desconsiderar as importantes diferenças entre a Psicanálise no campo da clínica e a Psicanálise no cenário da Academia, porém, quanto se trata de efetuar esta leitura problemática do legado freudiano, a pesquisa acadêmica tem colaborado substancialmente.

Garcia-Roza (1995) considera que a Universidade impõe suas exigências à produção teórica psicanalítica, contribuindo para que a Psicanálise não se transforme

num pensamento e numa prática ao abrigo de toda crítica. É inegável, no cenário nacional, a contribuição teórica decorrente de investigações em Psicanálise ocorridas, por exemplo, em Programas de Pós-Graduação de Universidades públicas e privadas. Toma-se, à luz das proposições de Inês Loureiro (2002), psicanalista e socióloga, a aposta de que a pesquisa psicanalítica pode aliar as exigências do rigor acadêmico com as especificidades da disposição metodológica, característica do pensamento freudiano, resultando em contribuições recíprocas a partir do estreitamento das relações entre a Psicanálise e a Universidade. Desde a Academia, podem-se empreender construções de estratégias de investigação sustentadas no Método Psicanalítico que permitam fazer trabalhar a Psicanálise, problematizando a clínica, a metapsicologia e o fazer do analista, viabilizando a produção de conhecimento em Psicanálise.

Assim, as potentes ferramentas que a Psicanálise oferece podem e devem estabelecer com a atividade de pesquisa na Universidade importantes e relevantes relações e trocas, gerando mútua cooperação, fomentando a produção de conhecimento ao adentrar outros espaços que não apenas o da clínica e, também, transformando concepções e saberes no espaço da Academia. A Psicanálise dá muitas e fecundas possibilidades à produção de conhecimento fomentada pela Universidade. Isso não significa ignorar os impasses e desafios que ocorrem nessa aproximação. Ao contrário, trata-se de reconhecer, como afirma Figueiredo (2001), “tendemos a nos esquecer de que talvez não haja nenhum lugar institucional no qual a Psicanálise possa existir e ser exercida totalmente à vontade, onde o seu exercício esteja plenamente garantido” (p.148).

No aceite ao desafio de enfrentar conflitos e resistências, cabe, portanto, acolher e buscar refletir sobre como pode ser efetivada a pesquisa na Universidade quando se tem a Psicanálise como escolha teórica e metodológica. Conforme visto, a própria história da Psicanálise conta dos impasses gerados em relação aos critérios de cientificidade e de empiria no cenário das ciências. Frente à forte influência cartesiana, as ciências estavam sob a vigência de indicadores como método, razão e verdade. Na atualização do pensamento cartesiano produzida, por exemplo, por Augusto Comte, no século XIX, ao definir as seis ciências fundamentais (Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia e Física Social – Sociologia), o positivismo ditava os rumos da produção de conhecimento quando Freud apresentou a Psicanálise ao mundo. A importância da razão científica nunca é negada ou menosprezada por Freud, porém a evolução do pensamento freudiano não deixa dúvidas de que seu método, sua concepção de razão e de verdade irão adquirir contornos cada vez mais distintos daqueles enunciados pelo cenário positivista e, principalmente, do campo da Psicologia de sua época.

Séculos depois, ou melhor, em plena vigência do século XXI, ainda se encontram muitas dificuldades para definir o que é ciência. Por esse motivo, na atual prática de pesquisa com Psicanálise na Universidade, alguns dos

impasses históricos se incrementam e seguem se apresentando como obstáculos e desafios que não podem ser ignorados. Quais são, portanto, as reais possibilidades da Psicanálise na pesquisa na Universidade? Para buscar algumas respostas a esta questão é importante inicialmente demarcar diferenças entre as modalidades de pesquisar com a Psicanálise.

Psicanálise e pesquisa- algumas proposições sobre evidências e estratégias

O artigo Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo, de Figueiredo e Minerbo (2006), aborda as diferenças entre a pesquisa com o método psicanalítico e a pesquisa em Psicanálise, fornecendo elementos fecundos para essa problematização. Para os autores, a pesquisa em Psicanálise refere-se, em sentido amplo, a

Um conjunto de atividades voltadas para a produção de conhecimento que podem manter com a psicanálise propriamente dita relações muito diferentes. Em certas circunstâncias, por exemplo, observa-se uma respeitosa distância: ora as teorias da psicanálise tornam-se "objeto" de estudos sistemáticos, ora de estudos históricos, ora de reflexões epistemológicas; outras vezes, alguns conceitos psicanalíticos são mobilizados como instrumentos para a investigação e compreensão de variados fenômenos sociais e subjetivos. Em nenhuma destas modalidades de pesquisa em psicanálise requer-se um psicanalista atuante (p.259).

Já ao definir a pesquisa com o método psicanalítico, os autores referem-se à necessária presença de um psicanalista para que ela aconteça. Essa forma de pesquisa marca presença na obra freudiana via históricos clínicos, sendo atualmente testemunho tanto da atividade investigativa em ação na clínica, como da atividade de pesquisadores em Psicanálise no contexto das Universidades. Figueiredo e Minerbo (2006) enfatizam que a pesquisa com o método psicanalítico na Academia, ou fora dela, é sempre obra de um psicanalista, tornando-se capaz de trazer novidades à própria Psicanálise. Portanto, tanto o pesquisador como o referencial teórico podem sofrer importantes transformações. Os autores consideram que nessa modalidade de pesquisa, é fundamental a presença do psicanalista. Tal consideração ocorre, inicialmente, porque consideram ser possível à condição de escuta extrapolar os âmbitos da clínica e, também, pelo fato de que essa modalidade de pesquisa sinaliza a importante função de um psicanalista em seu envolvimento e compromisso com a produção do conhecimento em Psicanálise. Afirma-se, nessa linha de raciocínio, que a prática da pesquisa encontra desta forma um fértil campo de exercício da criatividade do psicanalista como pesquisador.

Considerando-se que, segundo os autores, as pesquisas em psicanálise com o método psicanalítico

podem ter como alvo, entre outros, processos socioculturais e/ou fenômenos psíquicos transcorridos e contemplados fora de uma situação analítica no sentido estrito, é evidente o vasto campo de contribuição para a produção de um saber em Psicanálise que daí pode advir. Essa modalidade de pesquisa, segundo os autores, transforma os objetos, os pesquisadores e os meios ou instrumentos de investigação (conceitos, técnicas, etc.), porque envolve não somente as relações transferenciais (e seus equivalentes), mas também as manifestações contratransferenciais que dão a marca da singularidade tanto ao que se descobre, como ao que se inventa e se cria nesse tipo de pesquisa. Pode-se acrescentar que, além da singularidade dessa forma de investigar, nela ainda se apresenta o que define o rigor necessário a uma pesquisa psicanalítica. Longe de apontar para a ritualização de procedimentos ou o estabelecimento de práticas protocolares, o rigor nessa modalidade de pesquisa deve dar espaço ao não-saber, acolher as novidades advindas no processo de investigação, no valor atribuído à transformação, possibilitar que os rumos a serem seguidos estejam também de acordo com o imprevisto da descoberta, com o sentido desvelado, o qual não necessariamente foi buscado desde o início.

O questionamento desenvolvido por Figueiredo e Minerbo (2006) a respeito da definição de método acrescenta elementos importantes à reflexão proposta. Se tomarmos a definição de método na tradição inaugurada por Descartes na vigência da pretensão de uma ciência restrita ao controle e à mensuração dos dados, é pertinente questionar se a Psicanálise deveria ser definida como um método de pesquisa ou não. Nessa linha de questionamento, Minerbo (2000) propõe denominar a Psicanálise como uma matriz de estratégias de investigação. A Psicanálise tomada como uma estratégia de pesquisa engloba a possibilidade de transformação, deixando, assim, uma larga margem para o improviso, para as descobertas e invenções (Figueiredo e Minerbo, 2006). Na possibilidade de transformação (transformar a ação), incluída na referência da autora a uma estratégia de investigação, o cuidado dispensado ao rigor encontra-se, portanto, com a possibilidade de um exercício criativo por parte do pesquisador. Hornstein (2013) afirma que uma estratégia “supõe modificar a ação em função de novos elementos que vão surgindo. Isto é pertinente para sistemas complexos e na prática analítica” (p.167). O autor demarca, então, a essencial diferença entre programa e estratégia. O caráter rígido de um programa se contrapõe à dinamicidade inerente a uma estratégia. Logo, na realização de uma pesquisa psicanalítica, não será possível recorrer a “programas” de pesquisa. A escolha por uma estratégia de investigação, ao alinhar-se à essência criativa da Psicanálise, permite a “des-coberta” e a articulação das evidências conduzindo à produção de conhecimento.

A própria criação freudiana, iniciada no intuito de adentrar o universo científico, acabou por distanciar-se desse propósito mediante a constatação do estreito limite imposto na dita “cientificidade” da época. Porém, essa constatação não significou evitar ou esquivar-se da

imposição de problematizar essa estrita definição de método ou de ciência neste modelo, mas, sim, de estabelecer um diálogo que contemple as especificidades próprias a um método a partir do objeto/fenômeno que se propõe investigar. Assim, nas evidências investigadas pelo método psicanalítico, não cabe a preocupação em descobrir relações de causa e efeito, ou transpor descobertas feitas num campo para outro. Disso decorre a proposta de Minerbo (2000) no sentido de definir o método psicanalítico como uma estratégia. O que é interpretado mediante o método é sempre relativo ao processo que o produziu, e este processo — como qualquer estratégia — é irrepetível e singular. Não se trata de uma verdade totalizante, uma vez que, como verdade parcial, remete à perspectiva selecionada do objeto que investigou (Minerbo, 2000). Acredita-se que essa verdade, por ser parcial, deixa amplo espaço a um novo movimento investigativo gerado a partir da criatividade do pesquisador.

E quais são as evidências a serem buscadas em uma investigação? Tomando-se a ideia de evidência como o conjunto de elementos para que dado conhecimento tenha confirmadas ou refutadas suas proposições e adquira o status de teoria ou hipótese científica, afirma-se que esse conjunto de elementos que sustenta o conhecimento gerado, na Psicanálise, é aquele decorrente das produções do sujeito de Inconsciente. Como bem afirma Hornstein (2013), a evidência se impõe por si mesma. Esse foi o aprendizado de Freud em seus estudos sobre o sintoma, o sonho, os atos falhos e a transferência. A complexidade do sujeito de Inconsciente se impôs definitivamente diante do desafio que delegou à ciência vigente nessa época. Serão, portanto, as condições do objeto de estudo que ditarão a escolha de um método científico que lhe seja pertinente e que abarque a problematização dos elementos encontrados.

Esse exercício de reflexão e problematização dita os rumos na letra freudiana desde sua histórica revisão a respeito da etiologia da histeria. A carta 69, escrita a Fliess em 21 de setembro de 1897, é prova de refutação teórica de Freud (1897/2006) frente à evidência clínica que apontava para a existência da realidade psíquica e da vida fantasmática e, também, para o testemunho cabal das condições inerentes a seu percurso investigativo. A motivação que norteou sua frase “não acredito mais em minha neurótica” (Freud, 1897/2006, p.309) permeia toda sua obra. A condição de abertura ao novo e a disposição em empreender um trabalho de ressignificação do já encontrado diante de nova descoberta teve e tem importantes consequências para a teoria psicanalítica.

Frente às produções de um sujeito psíquico regido pelos rumos do indeterminismo pulsional, que tornam impossível a adesão a um modelo restrito de causa e efeito, Freud não postula hipóteses como verdades inquestionáveis e não despreza o caráter de abertura ao não-saber. Tampouco desistiu de seu projeto de construção de uma outra forma de acesso e de interpretação dos fenômenos que o intrigavam. Seguiu

suas investigações e, por não ceder nos conceitos ou ideias fundamentais, pôde ir além do imaginado inicialmente, transformando os obstáculos em forças que impulsionaram e fomentaram sua capacidade interrogativa.

Para seguir nessa linha de raciocínio, que leva a buscar no texto freudiano a modalidade de busca por evidências próprias à Psicanálise, toma-se o artigo de 1914, Sobre o narcisismo: uma introdução. Em determinada passagem do texto, Freud retoma suas proposições a respeito do primeiro dualismo pulsional: a hipótese de que as pulsões autoconservativas ou do Eu estariam em oposição às pulsões sexuais. A frase que antecipa sua ruptura com essa proposição teórica a partir de seus estudos sobre o narcisismo ilustra um pesquisador colocando em ação a essência de seu método científico: "Mas serei suficientemente coerente [com minha norma geral] para abandonar esta hipótese, se o próprio trabalho psicanalítico vier a produzir alguma outra hipótese mais útil sobre as pulsões. Até agora isto não aconteceu" (Freud, 1914/2006, p.95). Logo, é na referência à coerência a uma norma geral que orienta seu trabalho que o pesquisador Freud pode levantar hipóteses, atentar ao novo produzido e revisar os enunciados.

Para Hornstein (2013),

Ao aderir a uma forma de pensar complexa, aderimos a uma forma de atuar complexa. Por isso, o método deve incluir iniciativa, invenção, arte, até tornar-se estratégia, muito longe de programas e receitas. A estratégia aceita a incerteza. Nosso método se nutre da ciência contemporânea e não da clássica, que tendia a eliminar o observador (p.171).

Não será esse o modelo estratégico, no qual o observador é peça importante, que deve orientar a ciência psicanalítica independente de seu campo de atuação?

Para concluir... reconhecer riscos ao devir

Nas proposições de Coutinho e Santos (2010) acerca da validade das metodologias não cartesianas se dá o resgate por parte das autoras do alerta feito por Alan Chalmers (1993), físico e epistemólogo britânico, sobre o risco de um conceito único e atemporal de ciência ou de método científico ser usado como poderosa arma de exclusão ou supressão de áreas de estudo. Chalmers (1993) chama à atenção, também, para a necessidade de que cada área do conhecimento assuma os critérios de validade no interior de seus campos, sem abrir mão do rigor e da sistematização.

É no rigor do método advindo da sistematização de seus estudos sobre o Inconsciente e a Sexualidade que Freud criou a Psicanálise. Parece, portanto, essencial que também seja por meio da manutenção permanente da abertura ao novo, da investigação calcada no rigor, da sistematização da investigação e do exercício da ética que

ocorram a contínua produção e o avanço do conhecimento em Psicanálise. Cabe lembrar a afirmativa de Jardim e Rojas Hernández (2010) em relação à formalidade própria aos produtos de investigação em Psicanálise, a qual, quando descuidada ou não considerada, faz com que se acredite que "não seguir uma metodologia positivista é sinônimo de falta de rigor" (p.535).

Um dos espaços no qual se pode defender o rigor da Psicanálise é a Universidade. Nela podem e devem ser estimuladas discussões e reflexões a respeito da Psicanálise como uma ciência, calcada em importante ruptura epistemológica diante do saber predominante na época de seu surgimento, cujo método investigativo atende à sua especificidade e sua ética. Considera-se, ainda, ser possível na relação entre a Psicanálise e a Universidade, reafirmar conforme Rosa e Domingues (2010) que "a discussão sobre métodos de pesquisa deve ser referida à perspectiva epistemológica e teórica que lhe dá sustentação" (p.180). Assim, a Psicanálise, ao enfatizar a existência de um sujeito de Inconsciente, reconhecido na vigência do que lhe é singular, de acordo com Dockhorn e Macedo (2008), é um eficiente instrumento de reflexão e indagação a respeito da experiência humana.

Para finalizar, é oportuno reconhecer o risco que se faz presente sob duas roupagens distintas, que podem, no entanto, conduzir ao mesmo equívoco. De um lado, corre-se o risco de, por meio de uma atitude de rechaço e desconsideração ao constante apelo à manutenção de uma restrita definição positivista e cartesiana de ciência, desconsiderar as pertinentes exigências de rigor na necessária revisão e ampliação do legado freudiano. Ou seja, pode haver o risco de que a oposição sistemática a essa definição de ciência e a confusão entre dogma e ecletismo, leve ao descuido quanto ao rigor necessário em uma visão de rigor que não necessariamente seja excludente ao campo investigativo da Psicanálise.

A definição estreita de ciência não deve restringir a potencialidade criativa contemplada pela Psicanálise como estratégia de investigação. Ao contrário, o desafio é explicitar e dar a conhecer à comunidade científica estudos que tenham a Psicanálise como método de pesquisa, estudos esses que são frutos de possibilidades investigativas construídas em plena vigência do rigor que lhe é próprio. Trata-se, portanto, de reconhecer e divulgar o valor das importantes contribuições que decorrem do exercício de pesquisa não padronizado ou protocolar conduzido por psicanalistas.

Por outro lado, no afã de atender aos ideais de inclusão na comunidade científica, corre-se o risco de desconsiderar a originalidade e solidez dos argumentos que sustentam a especificidade da Psicanálise. Logo, são os elementos próprios a um sujeito de Inconsciente que sustentam a especificidade da Psicanálise. É diante da proposta de investigação desses elementos que se dará o desenho da estratégia a ser adotada pelo pesquisador psicanalista. Assim como exercita a abertura de sua capacidade de escuta frente às demandas do analisando na clínica, também na pesquisa psicanalítica é necessário

manter o caráter de abertura ao não conhecido do fenômeno que busca investigar. Ao aliar o rigor e a especificidade da Psicanálise, o pesquisador psicanalista pode e deve criar estratégias de investigação, reafirmando, assim, a constatação freudiana de que uma definição de ciência que exclui o sujeito de Inconsciente não pode se alinhar à epistemologia da Psicanálise uma vez que impede o pensamento complexo a respeito dos fenômenos que busca compreender.

Cabe, assim, retomar o alerta de Chalmers (1993) sobre o perigo de se tomar um conceito único e atemporal de ciência. A história da ciência também permite vislumbrar os pontos de conflito e de rupturas entre diferentes formas de saber, situando-os em relação a um dado contexto. Não é por acaso que a Psicanálise provoca desconforto ao tomar para si a defesa da atenção ao singular, ao subjetivo, ao complexo. Exatamente por isso, o ponto comum das duas situações mencionadas como risco ao devir da Psicanálise está em transformá-la, como prática investigativa, em uma sucessão de ações contraditórias que acabem por distanciá-la das conquistas e tomadas de posição que marcam sua história, deixando-a, perigosamente, próxima a práticas ecléticas ou dogmáticas tão criticadas por Freud.

O risco ao devir da Psicanálise parece residir, como afirma Bleichmar (2005), em ceder nosso campo

autônomo de pensamento com a desculpa de suposta interdisciplinaridade, fazendo com que a Psicanálise fique subordinada em suas possibilidades de fazer prático e de pensar teórico, ao invés de fazê-lo a partir de um lugar do qual possa confluir em intersecção para pensar questões comuns a outros campos do conhecimento, no atravessamento transversal de problemáticas compartilhadas, sem ceder, contudo, seu poder explicativo quanto àquelas questões que lhe competem de modo particular.

Questões fundamentais se fazem presentes no inegável desafio de aproximar a Psicanálise à prática de pesquisa na Universidade. Porém, seja na recusa à implicação do rigor necessário ao trabalho com o legado freudiano, seja no desmentido do labor pertinente à manutenção e defesa da especificidade da Psicanálise, há o risco de estabelecer-se uma situação que desvitalize e enrijeça o saber psicanalítico. Retomando o alerta de Freud (1930/2006), explicitado em nota de rodapé de seu texto sobre o mal-estar na civilização, cabe questionar se, atualmente, no afã de mostrar a vigência do saber psicanalítico não se está, por vezes, indo ao Polo Norte com roupas de verão, orientados por mapas com diretrizes demasiadamente cartesianas¹

Notas

¹ Neste texto, Freud (1930/2006) faz uma crítica à Educação que, ao ocultar o papel que a sexualidade desempenhará na vida dos jovens, não os estaria preparando para a agressividade do qual se tornarão objeto. Para explicar sua crítica, ele faz uma analogia dessa situação com o equívoco de equipar pessoas que partem para uma expedição polar com trajes de verão e com mapas de lagos italianos.

Referências

- Barbelli, I. C. (2008). O estatuto epistemológico da Psicanálise freudiana: Energética e herenêutica. *Dissertatio*, 27(28), 197-230.
- Birman, J. (1994). *Psicanálise, ciência e cultura. Pensamento freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Birman, J. (2012). *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bleichmar, S. (2005). *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topía.
- Chalmers, A. F. (1993). *O que é Ciência, afinal?* São Paulo: Brasiliense.
- Coutinho, D., Mattos, A. S., Monteiro, C. F. A., Virgens, P. A., & Almeida Filho, N. (2013). Ensino da psicanálise na universidade brasileira: retorno à proposta freudiana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(1), 103-120. Disponível em <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/783/767>. Acesso em 17 de setembro de 2013.
- Coutinho, D., & Santos, E. M. S. (2010). Epistemologias não-cartesiana na interface artes-Humanidades. *RI UFBA*, 13(14), 65-73. Disponível em <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2036>. Acesso em 02 de setembro de 2013.
- Dockhorn, C., & Macedo, M. (2008). A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. *Revista Argumento Psicologia*, 54(26), 217-224.
- Figueiredo, L.C. (2001). Psicanálise e Universidade: perspectivas. *Psicologia USP*, 12(1), 147-159.
- Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257-278.
- Freud, S. (2006). Carta 69. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 1, pp. 309 - 311). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1897)
- Freud, S. (2006). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 6, pp. 13- 291). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1901)
- Freud, S. (2006). Totem e tabu. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud

- (Vol. 13, pp. 13 – 162). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913)
- Freud, S. (2006). Sobre o narcisismo: uma introdução. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 77 - 108). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914)
- Freud, S. (2006). Os instintos e suas vicissitudes. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 117 - 144). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915)
- Freud, S. (2006). Psicanálise. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 20, pp. 253 - 259). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1926)
- Freud, S. (1996). Inibição, Sintoma e Ansiedade. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 20, pp.81 -171). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1926)
- Freud, S. (2006). Mal estar na civilização. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 21, pp. 73 - 148). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1930)
- Freud, S. (2006). A Questão de uma Weltanschauung. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 22, pp. 155 - 177). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1933)
- Garcia-Roza, L. A. (1995). Orelha. In: D. Kupermann & D. Rollebreg (Orgs.), Universos da psicanálise: desafios atuais da pesquisa psicanalítica (orelha). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Hornstein, L. (2008). As depressões: afetos e humores do viver. São Paulo: Via Lettera.
- Hornstein, L. (2013). Las encrucijadas actuales del psicoanálisis: Subjetividad y vida cotidiana. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Jardim, L. L., & Hernández, M. C. R. (2010). Investigación psicoanalítica en la universidad. *Estudios de Psicología*, 27(4), 529-536. doi: 10.1590/S0103-166X2010000400010
- Kupfer, M.C. O Sujeito na Psicanálise e na Educação: Bases para a educação terapêutica. *Educação e Realidade*, 35(1), 265-281.
- Lo Bianco, A. C. (2003) Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. *Revista PSICO USF*, 8(2), 115-123.
- Loureiro, I. R. B. (2002). Sobre algumas disposições metodológicas de inspiração freudiana. In: Q. E. Freire & S. A. R. Rodrigues (Orgs.), *Pesquisa em Psicopatologia Fundamental* (143-156). São Paulo: Escuta.
- Mínerbo, M. (2000). Estratégias de investigação em psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Oliveira, N. R., & Tafuri, M. I. (2012). O método psicanalítico de pesquisa e a clínica: reflexões no contexto da Universidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15(4), 838-850.
- Prudente, R. C. A. C., & Ribeiro, M. A. C. (2005). Psicanálise e ciência. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 25(1), 58-69. doi: 10.1590/S1414-98932005000100006
- Rosa, M. D. & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*. 22(1), 180-188. doi: 10.1590/S0102-71822010000100021.

Fecha de recepción: 19-06-2015

Fecha de aceptación: 20-08-2015